

LCF-5875 – OFICINA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – ESALQ/USP

Uma breve história da educação e da escola - Peter Gray

Louise Gunter de Queiroz- N° USP: 9816396

Quando Peter Gray diz que o método de educação que usamos hoje em basicamente todo o mundo é o escolhido porque os demais devem ter falhado e as pessoas que fizeram a escolha são inteligentes, aposto em 2 coisas, a primeira é que esta sendo irônico e a segunda seria a falta de olhar para as demais comunidades que não vivem no mesmo sistema político dominante.

Como imaginei, foi irônico, Traz o exemplo das escolas Sudbury, em que as crianças se auto-ensinam: “a partir de suas explorações e brincadeiras, sem intrusão ou direcionamento de qualquer adulto” (pg. 1) Se há sucesso igual, por que não mais escolas como essas?

Para isso, entender o porque das escolas como são hoje. São instituições novas. “As crianças aprendem o que precisam para se tornar adultas a partir de sua própria capacidade de brincar e explorar” e isso se deu também quando eramos caçadores coletores. O brincar era visto como a forma mais natural de aprender, e naquela época não havia diferença entre brincar e trabalhar. Diferente do que passou a acontecer quando nos propusemos a assentar por conta da agricultura.

O assentamento diante de agricultura necessitou mais horas de trabalho, e trabalhos simples que poderiam ser feitos por crianças. Sendo necessário esse trabalho infantil para que a maioria da família pudesse sobreviver.

Com o passar do tempo, as crianças foram ainda mais vítimas das distinções de classes sociais, aquelas que executavam o trabalho para servir tinham como principal lição era “a obediência, supressão de suas vontades e reverência aos senhores e mestres. Um espírito rebelde era quase sinônimo de morte” (pg. 3). E com o passar dos anos na história o papel se manteve o mesmo conforme as necessidades exigidas pela sociedade “o trabalho das crianças não se dava mais no campo, onde ao menos havia sol, ar fresco e alguma oportunidade para brincar. Agora ele estava nas feias, superlotadas e escuras fábricas” (pg.3). Com alguns anos, passaram a existir leis trabalhistas que impediram crianças de trabalharem se muito mais novas e com limite máximo de horas por semana.

Com a industrialização e robotização, as crianças foram perdendo espaço e passou-se a valorizar a ideia de que a infância deveria ser uma etapa de aprendizados. “A ideia e a prática da educação pública universal e obrigatória se desenvolveram gradualmente na Europa, do começo do Século 16 até o 19. Era uma ideia que tinha muitos apoiadores, todos com agendas próprias relativas ao que as crianças deveriam aprender.” (pg. 4).

O ímpeto da educação universal teve grande influência das religiões, principalmente as protestantes. Aos poucos os países foram adotando o ensino nas escolas como obrigatórios e muito por influência dos “donos de indústrias viam nas escolas uma oportunidade de criar trabalhadores e trabalhadoras melhores. Para eles, o aspecto mais crucial a ser ensinado era pontualidade, seguir instruções, tolerância às longas horas de trabalho tedioso e uma habilidade mínima para ler e escrever” (pg. 5). Com o tempo as nações passaram a observar o uso da escola para criar cidadãos patriotas e soldados.

Apesar dessas versões, também tinham aqueles que apreciavam as crianças nas escolas por seu cuidados e capacidade de desenvolver. “Essas pessoas viam a escola como lugares de proteção das crianças dos perigos do mundo exterior e como forma de prover

LCF-5875 – OFICINA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – ESALQ/USP

Uma breve história da educação e da escola - Peter Gray

Louise Gunter de Queiroz- Nº USP: 9816396

cuidado e espaço para o desenvolvimento moral e intelectual dos jovens a caminho de se tornarem adultos plenos e competentes.” (pg. 5) Eles também foram os que influenciaram o ensino da matemática e latim, levando as crianças a serem acadêmicos no futuro.

E o método que se escolheu para esse ensino é o mesmo que conhecemos hoje. “Todos eles viam escolarização como doutrinação, como uma forma de inculcar certas verdades e modos de pensar nas mentes infantis. O único método conhecido de doutrinação, como agora sabemos, é forçar a repetição e testar a memorização daquilo que foi exaustivamente repetido” (pg. 5-6)

A ida das crianças às escolas passou a ser visto como “o trabalho das crianças” “A repetição e a memorização de conteúdos são trabalhos tediosos para crianças, cujos instintos as urgem a brincar livremente e explorar o mundo por conta própria” (pg. 6). Assim por muito tempo o brincar foi inimigo do aprender dentro das salas de aula, o que fez com que as escolas criassem períodos específicos para isso, chamados de recreio. Foi o período em que as punições cresceram e eram utilizadas para manter as crianças em foco.

Com o tempo houve mudanças, as punições não são mais físicas, e as escolas se aproximaram do conceito de escola convencional que conhecemos. “Os ensinamentos se tornaram mais laicos; o currículo se expandiu, assim como o conhecimento, para incluir uma lista de assuntos que nunca para de crescer; o número de horas, dias e anos de escolarização compulsória cresceu continuamente.” (pg. 7)

Assim como os adultos tem sua rotina definida por 8 horas de trabalho, as crianças passam 6 horas nas escolas e mais as horas extras destinadas aos estudos. “Crianças hoje são quase universalmente definidas e identificadas pela sua série na escola, tanto quanto adultos são identificados por suas carreiras.” (pg. 7)

De lá pra cá no final das contas nem foram muitas coisas que mudaram, talvez só os termos, afinal as crianças ainda são forçadas a aprender, e não há a possibilidade das crianças aprenderem através de suas escolhas.

Alguns educadores hoje utilizam brincadeiras como ferramenta de ensino, e assim conseguem um maior envolvimento das crianças na aula. Entretanto, apesar dos educadores não punirem fisicamente as crianças, elas são medicadas. Hoje, as tarefas continuam sendo vistas como mais importantes do que as brincadeiras.

“O trabalho, que engloba todo o aprendizado escolar, é algo que não se quer fazer, mas fazemos porque se deve; e a brincadeira, que é tudo que a pessoa quer fazer, não tem muito valor. Isso, talvez, seja a lição fundamental de nosso método de escolarização. Mesmo se a criança não aprender nada na escola, ela saberá de cor a diferença entre brincar e trabalhar. Nisso, aprender será sempre trabalho, não jogo.” (pg.8).